



Um theatro movediço: projectos de reforma da Sala dos Capelos

Autor(es): Providência, Paulo

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitetura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37325>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_3_10

Accessed : 17-May-2017 10:11:33

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



JOELHO

03

VIAGEM-MEMÓRIAS: APRENDIZAGENS DE ARQUITECTURA

Coordenação:

Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares

Exposição Viagem

Exposição Memórias

Luis Mansilla

Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares

Jorge Figueira

José Miguel Rodrigues

José António Bandeirinha

José Fernando Gonçalves

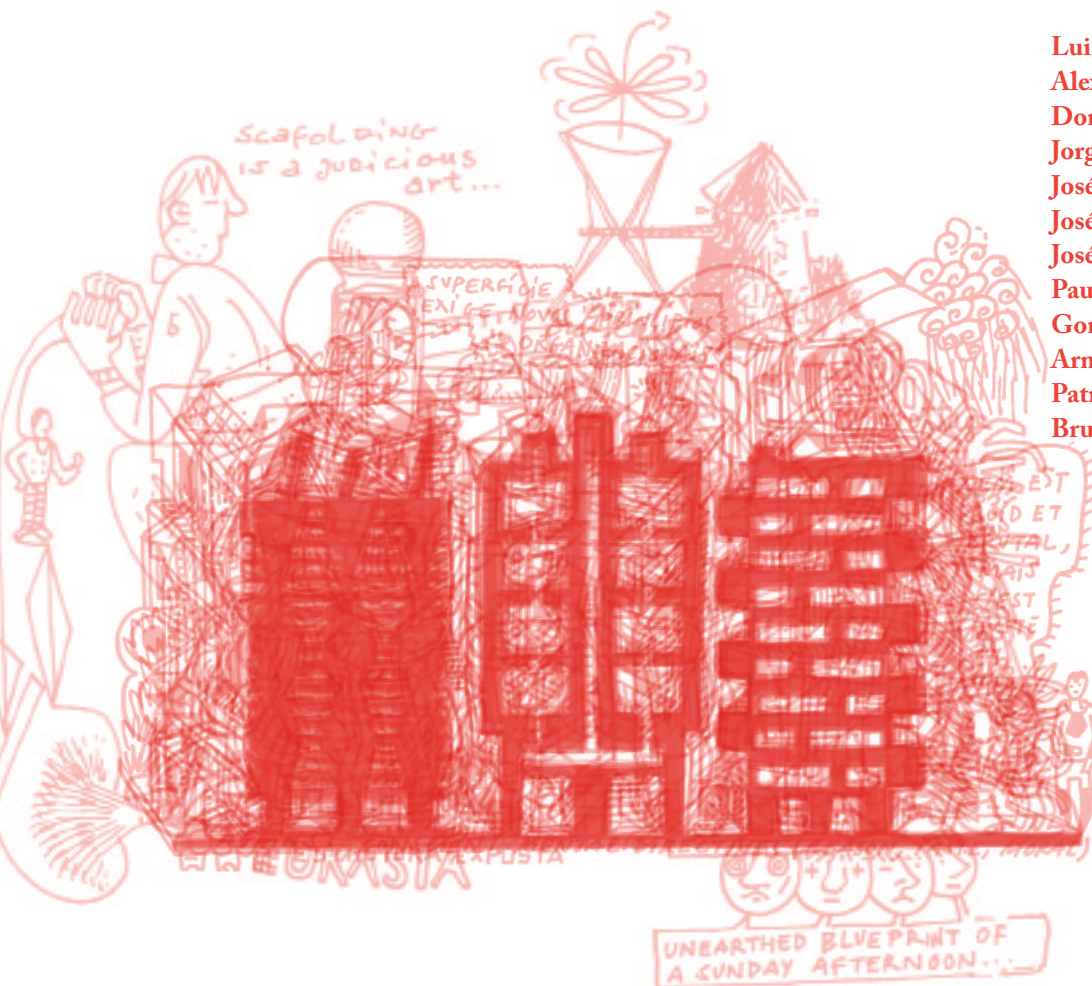
Paulo Providência

Gonçalo Canto Moniz

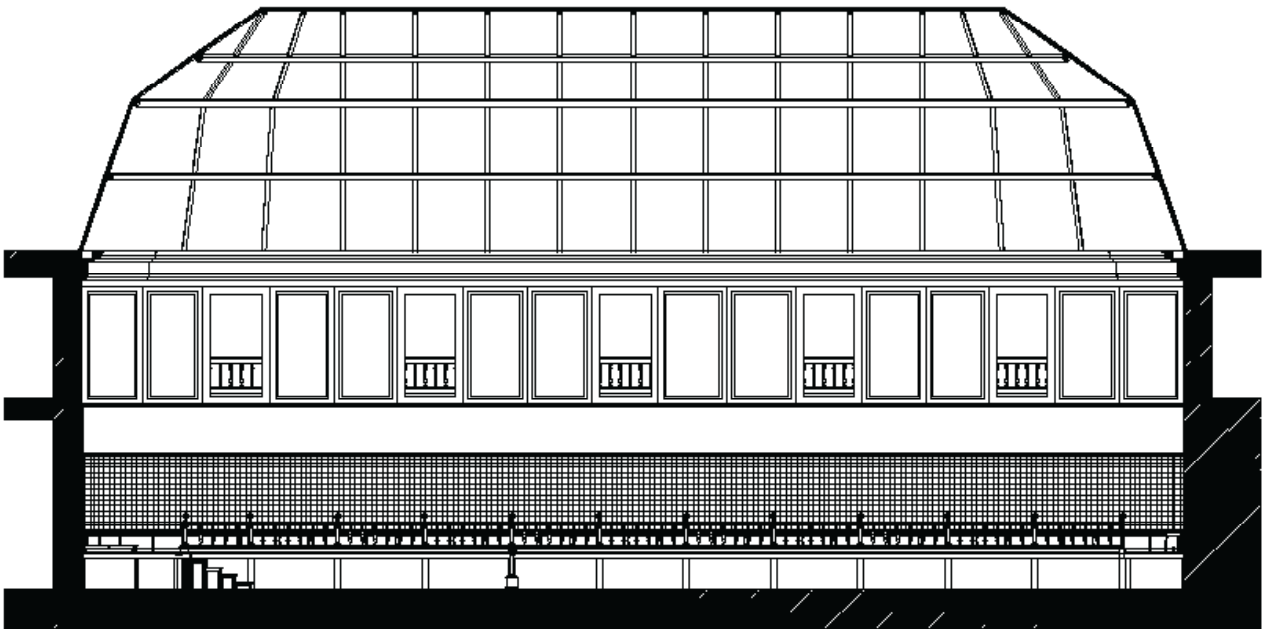
Armando Rabaça

Patrícia Miguel

Bruno Gil



Paulo Providência
Um Theatro movidoço.
Projectos de reforma
da Sala dos Capelos



Sala dos Capelos / Corte Longitudinal /
A. A. Costa e S. Fernandez

Um dos aspectos mais característicos da pedagogia do Projecto de Arquitectura dos docentes do Porto é a inclusão da História da Arquitectura como matéria de aprendizagem, considerando que a História fornece aos alunos instrumentos para interpretar contextos específicos e exigentes de intervenção.

Não é de estranhar que num número da revista Joelho, dedicado ao ensino de arquitectura, surja uma reflexão sobre as propostas de requalificação da Sala dos Capelos de dois dos mais significativos intervenientes pedagógicos daquela escola, que precisamente evidenciaram o uso da História, quer como matéria de ensino/aprendizagem, quer como suporte da actividade projectual. O que resultará da análise histórica da Sala e dos projectos de Arquitectura desses dois autores, é a interpretação que fazem do contexto de intervenção, e assim do seu entendimento do papel da História no processo de Projecto de Arquitectura.

Trata-se, afinal, da compreensão dos contextos de intervenção como procedimento metodológico simultâneo ao exercício projectual.

De um *Theatro movidiço* a um *Theatro definitivo*

A actual Sala dos Capelos ou Sala Grande dos Actos decorre de uma reconstrução, de meados do século XVII, da Sala Grande do antigo Paço da Alcáçova (Sala para actos reais), em Sala destinada a actos públicos da Universidade.

Segundo António Filipe Pimentel (2005), o Paço sofreu extensas obras no reinado de D. Manuel I, primeiramente com Marcos Pires (pedreiro e mestre de obras da cidade de Coimbra) entre 1517 e 1522, e posteriormente com Diogo de Castilho, entre 1524 e 1533 ou 34.

D. João III transfere a Universidade de novo para Coimbra em 1537, e em 1544 inicia-se a utilização universitária do Paço, tendo-se aí instalado Frei Diogo de Murça, Reitor da Universidade, apenas 10 anos após a conclusão da Capela de S. Miguel e Sala Grande. E já em 1550 a Sala Grande é utilizada para os actos de “repetições & doctoram.^{tos}”, como é descrito na visita que o rei faz à universidade nesse ano (Brandão, M. *Actas dos Conselhos (1537-1551)*: II, I, 274-275, *apud* Pimentel, 2005: nota 924).

É apenas com Filipe II de Espanha que é realizada a aquisição e posse definitiva do Paço pela Universidade, em 1597, um ano antes da promulgação dos Estatutos de 1598, os sextos estatutos, que são impressos e publicados em 1653 já por D. João IV, incluindo uma “Reformação” realizada 1612.

Os Estatutos de 1598 estabelecem as regras de etiqueta que se devem observar na organização da Sala Grande dos Actos em cerimónias públicas, através da prescrição “Dos Assentos”, que conjuntamente com as procissões constituem as cerimónias mais importantes onde a borla e capela eram de uso obrigatório. Nos mesmos estatutos se refere que a cerimónia de magistraturas ou doutoramento aos Teólogos será realizada na Igreja de Santa Cruz,

num *Theatro* que para o efeito se deverá montar (Universidade de Coimbra., 1987: 208).

Pelo até aqui exposto, se depreende que o *Theatro* montado na Sala Grande seria destinado às Repetições e Doutoramentos, e outras cerimónias da Universidade, e que teria uma bancada com grade periférica, seis degraus de catorze pés de largo, Cadeira a meio do espaço de bancada, e um *repartimento* com grades a dividir o espaço entre sustentante e assistência (Universidade de Coimbra., 1987: Reformação, 1612: art. 155, 324), a actual teia. A sala seria “armada”, nos cerimoniais académicos, com alambeis, razes, damascos.

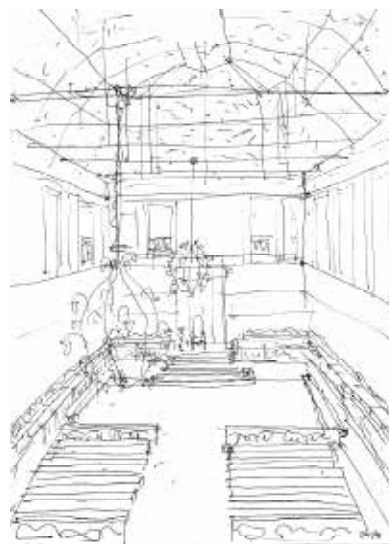
Assim a reforma da Sala Grande dos Actos, entre 1654 e 1656, com projecto de António Tavares, é a fixação espacial do *Theatro* para cerimónias académicas que já antes decorriam na mesma sala, ou que se montavam quando necessário na Igreja de Santa Cruz para as Magistraturas ou Doutoramentos em Teologia.

Pelo interior, o projecto de reforma da Sala permite a inscrição no espaço de um conjunto de valores restauracionistas, tais como a inclusão de uma galeria de retratos dos reis de Portugal até D. João IV, de Carlos Falch, pintor de Lisboa, que pela ausência da dinastia filipina acentua uma leitura patriótica e panegírica (Crisóstomo, 1998).

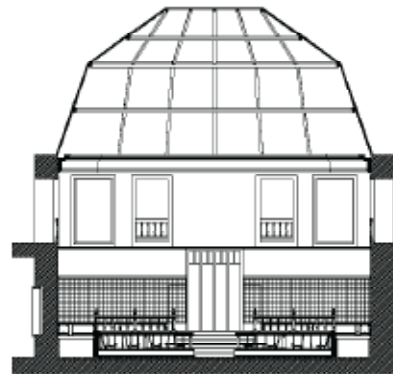
Outros aspectos da Sala são a nova execução de um tecto em brutesco (Crisóstomo, 1998), a colocação de um bancada e doutorais com grades em pau preto ou jacarandá (Smith, 1974), a colocação de cátedra, um tapete de azulejos a conformar espaldar aos doutorais (Simões & Oliveira, 1971).

A geometria interior, de uma austeridade chã, reforça a presença do tecto, de desenho complexo e festivo, e afirma-se pela clareza de alinhamentos horizontais, marcados pela bancada, tapete de azulejos, janelas altas e cornija do tecto (fig. 1). O conjunto de aberturas altas tem um espaçamento regular que permite a montagem de dois retratos formando um friso contínuo. Desta forma, o espaço encerra-se superiormente pela alternância entre retratos e janelas de sacada “suspensos” da cornija de tecto, encerramento que reforça “um mundo interior”, ou “uma representação do mundo”. A cornija divide o fantástico mundo das ideias representado pelo tecto de brutescos, e o terreno mundo do mandato régio da Universidade de onde emana a luz da Sala (fig. 2).

Mais do que uma estrutura fixa, a Sala é um *Theatro* disponível para Actos solenes, entendidos como actos de investidura, tal como considera as cerimónias de Doutoramentos Reis Torgal (1993). E nesses actos a sala deverá ser armada, quer dizer, os bancos, escabelos, e estrados colocados nos locais apropriados para as cerimónias, os damascos colocados nas paredes, os alambares sobre as grades, e a cátedra colocada ou retirada conforme as necessidades. No entanto, nada é referido sobre a colocação da Charamela na Sala Grande, problema que subsiste.



1. Sala dos Capelos / Desenho de Fernando Távora



2. Sala dos Capelos / Corte Transversal / A. A. Costa e S. Fernandez



3. Vandalismo na Sala dos Capelos de 17 de Outubro de 1910, SIPA

De Sala Grande dos Actos a Sala dos Actos Grandes

Nos Estatutos de 1772 as funções que são atribuídas à Sala são a abertura do ano escolar com a respectiva oração da sapiência, que se realizaria na Cátedra, a realização das Repetições (Estatutos, 1772: II, 616) ou Conclusões Magnas, a cerimónia de Doutoramento, e outros actos públicos solenes. Os Actos Académicos são divididos em Pequenos e Grandes, considerando-se dois Actos Grandes no processo de graduação dos lentes: as Repetições ou Conclusões Magnas (que consistia na discussão de uma Dissertação), e o Exame Privado, realizado na Sala do Exame Privado, e que permite a obtenção da “licença” para Doutoramento.

Tal como anteriormente, o Doutoramento é concebido como cerimónia de investidura, tendo sido abolidas as cerimónias de Doutoramento que se processavam em Santa Cruz (os Magistérios), e passando todas a ser realizadas na Sala dos Actos Grandes.

A cátedra é utilizada apenas nas cerimónias de abertura de ano escolar, e é nela que o docente indigitado profere a sua oração de *Sapientia* (Universidade de Coimbra., 1972: I, 20), ou lição rotativa entre as várias faculdades.

Memória do *Theatro*, a armação da Sala com os revestimentos a damasco variariam de acordo com as cerimónias que ali decorressem, nomeadamente nas cerimónias de doutoramento em que a Sala seria armada com as cores da respectiva Faculdade (branco para Teologia, verde para Cânones, carmim para Leis, amarelo para Medicina, azul para Matemática, azul e branco para Filosofia Natural). E será, provavelmente, a banda em damasco carmesim acima do silhar de azulejos que se manterá até às obras de reforma da Sala nos anos setenta do século XX (Pires, et al., 1998), e que se pode observar na fotografia que regista a destruição da Cátedra na revolta estudantil de 17 de Outubro de 1910 (fig. 3).

Obras posteriores à reforma pombalina

A revolta estudantil de 17 de Outubro de 1910, liderada pelo grupo radical Falange Demagógica (Torgal, 1993: 219), destrói o Cadeiral da Sala dos Actos Grandes assim como dispara sobre os retratos de D. Carlos e D. Manuel II (fig. 3). Em 1911, na sequência da implantação da república, é eliminada a concessão de grau de licenciado que decorria na Capela de S. Miguel, é extinto o ensino da Teologia, e o Doutoramento passa a constituir-se como prova académica (doutoramento científico), desaparecendo a secular cerimónia de investidura ou colação de grau. Com esta alteração do Doutoramento para prova científica (sem charamela, sem missa na capela, sem doutores a deslocarem-se da capela para a Sala Grande, sem arceiros nem bedéis nem procissão), o doutoramento abandona a Sala dos Actos Grandes. No entanto, e passados não muitos anos, é retomado o debate sobre o uso de insígnias pelos doutores a pretexto da abertura do ano escolar de 1917 na Sala Grande dos Actos (cerimónia que havia sido

suspensa desde 1911). E é nesta sequência que surge a cerimónia de imposição de insígnias. Por outro lado retoma-se, com a antiga feição, o doutoramento *honoris causa*, atribuído em 1921 aos comandantes das forças aliadas vitoriosas da primeira guerra mundial (Torgal, 1993: 252).

Entre a reforma pombalina e as primeiras imagens fotográficas da Sala dos Actos Grandes decorrem cem anos. De facto, a primeira fotografia da sala de que se tem conhecimento é realizada em 1871 (fig. 4). Comparando essa imagem com a fotografia realizada como registo do vandalismo de estudantes em Outubro de 1910, para além do púlpito ou cátedra desmantelada, verifica-se o desaparecimento da base em azulejo da bancada, que surge revestida a tecido, assim como a base da coluna em pedra calcária (a restante grade, nos seus pontos de arranque junto às portas de entrada na Sala Grande, conservam SS de pedra calcária da reforma de 1654-56).

Assim, entre 1871 e 1910, esse tramo de bancada é alargado, tendo nessa ocasião sido revestida com tecido o alçado à cota baixa. Com estas modificações, e decorrente do alargamento desse tramo de bancada, os degraus são refeitos em madeira e revestidos a alcatifa, tal como se pode observar nas fotografias realizadas por ocasião das obras de 1944, que repõem o revestimento da base da bancada em azulejo (fig. 5).

Nessa obras é montado o actual pavimento da tijoleira vermelha, retirando o ladrilho que teria sido colocado em 1913 (ou na campanha de obras que aumentam a bancada poente, que terão ocorrido entre 1871 e 1910). Observando as fotografias referidas depreende-se que o pavimento anterior seria em pedra calcária em losângulos, e que haveria estrados em madeira para colocação dos bancos da assistência.

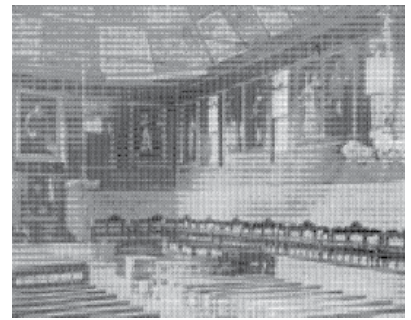
No período de obras dos anos 70 e 90 do século XX é refeita a iluminação da Sala: os candeeiros que teriam sido instalados no século XIX são substituídos por outros, e é instalada uma iluminação indirecta constituída por sanca de lâmpadas fluorescentes na cornija em madeira de arranque do tecto.

Uma arandela para a Sala dos Capelos

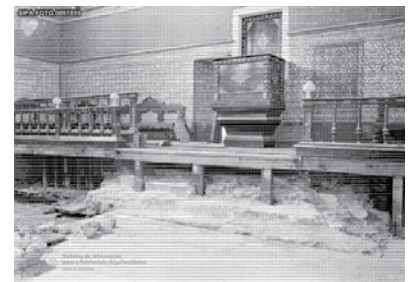
Entre Novembro de 1991 e Maio de 1995 (Távora & Bandeirinha, 1998), os Arquitectos Fernando Távora e José António Bandeirinha projectam o aumento dos doutorais da Sala dos Capelos, para as cerimónias universitárias, “capaz de toda a Universidade”, como se referia a propósito da instalação do *Theatro movidiço* na Igreja de Santa Cruz, nos Estatutos de 1598.

O aumento de doutorais é realizado pela colocação de uma segunda fila, paralela às paredes norte e sul, elevada em relação ao pavimento da Sala, e tal como a bancada actual, revestida a alcatifa. A delimitação da área dos doutorais é reforçada pelo recuo da grade que actualmente delimita a teia (decretada em 1612).

O projecto prevê a recolocação da Charamela axialmente na Sala, apesar de ter ensaiado outras disposições, como a de colocar



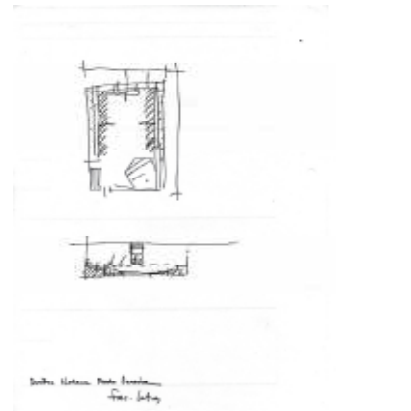
4. Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, in Panorama Fotográfico de Portugal, Coimbra [1871], p. [64]. BN Res. 3421 V.



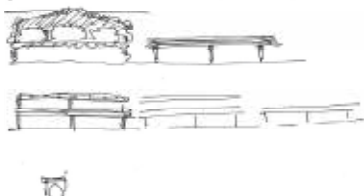
5. Sala dos Capelos, obras da década de 40, SIPA



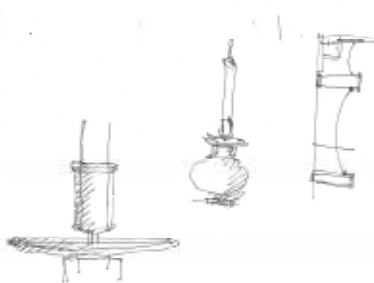
6. Sala dos Capelos / Desenho de Fernando Távora



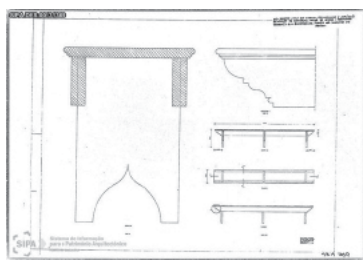
7. Colocação da Charamela / Desenho de Fernando Távora



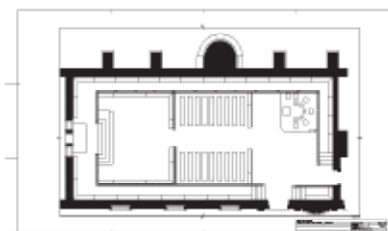
8. Bancos / Desenho de Fernando Távora



9. Arandelas / Desenho de Fernando Távora



10. Bancos / Desenho de Projecto / F. Távora e J. A. Bandeirinha



11. Sala dos Capelos, Planta / Desenho de Levantamento / A. A. Costa e S. Fernandez

o palanque claramente na diagonal do cunhal oposto à porta de entrada (fig. 7) da Via Latina.

Num outro desenho compara as diferentes formas e escalas (fig. 8) dos bancos da sala. Em primeiro lugar, surge o banco com costas recortadas, provavelmente já do século XIX; em seguida é representado o banco neo-clássico, sem costas, e com pernas torneadas; inferiormente são representados bancos corridos com costas e sem costas. Um último apontamento inferior representa um banco sem costas, em alçado de topo. Trata-se, de facto, de um normal banco como existe provavelmente desde o gótico (Ferrão, 1990), e que acabou em muitas cozinhas rurais do norte do País.

Com a sua paixão pela cultura material, Távora acrescenta à acumulação histórica de variados assentos, de ecléctica presença, o seu “banco” para assento da Charamela (fig. 10), feição ruralizada dos bancos que surgem na pintura de XVI (Ferrão, 1990). Regresso a um dos seus temas predilectos como as relações entre erudito e popular, as formas de imitação popular do erudito, ou ainda os processos de enraizamento cultural que pela apropriação popular tornam anónimo aquilo que um dia foi erudito.

Outra obsessão é o desenho das arandelas para repor funcionalmente aquele que terá sido o sistema de iluminação da sala no momento da sua reconstrução em meados do séc. XVII. Um primeiro desenho opta por uma versão neo-clássica. Nessa versão, de Novembro de 1994, representa um anel em fino rendilhado a executar em latão, prevendo o efeito fantástico das sombras projectadas na sala por cada uma das 32 velas que se acenderiam em ocasiões em que o lusco-fusco do exterior transformasse a sala num local de sombrias maquinações, ou a reposição de uma luz de velas tal como surge nas pinturas de Josefa de Óbidos como a Natividade de 1669. Um efeito de claro-escuro, uma intimidade que apenas a luz de velas permite, a reflexão da luz no globo branco de suporte à arandela. Talvez esta obsessão com as arandelas seja um chave interpretativa da Sala, ao acentuar a sua teatralidade.

Provavelmente descontente com o desenho anterior de arandela, refaz o seu desenho em Janeiro de 1995 (fig. 9). Trata-se de um prato com leve curvatura mais de acordo com a esfera de madeira da base e o momento histórico de construção da grade, e onde surge um copo para colocação da vela. O dourado do latão (ou bronze como lhe chamaria o ensamblador que executou a grade, ela própria com os seus “bronzes” ou peças de latão fundido) a brilhar sobre o fundo escuro do jacarandá. Procura de uma intemporalidade no desenho, que se sobrepõe ao estilo ou momento.

Um banco para a Sala dos Actos Grandes

Não tendo sido realizado o projecto dos Arquitectos Fernando Távora e José António Bandeirinha, o Reitor Seabra Santos encomenda aos Arquitectos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez uma nova versão de remodelação, em 2010.

Talvez verificando que a imposição do alargamento de doutorais implicava reconfigurações da sala que a descaracterizavam (como é o caso de uma segunda bancada), definem-se objectivos mais modestos. O programa de intervenção consiste na criação de condições de conforto tanto nos júris de provas académicas ou *honoris causa*, como também para a assistência.

Para além da instalação de sistemas de aquecimento, ou da iluminação das telas dos retratos dos reis por incorporação de luminária apropriada, a solução preconiza “tal como se previa no projecto do Professor Fernando Távora, na reposição de elementos em falta, como sejam as arandelas metálicas.”

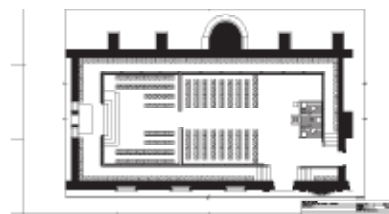
A estrutura espacial da sala é mantida, e reforçada pela colocação da Charamela a eixo “de modo a que se acentue, como é devido, a axialidade da Sala dos Capelos”, tendo ensaiado as soluções espaciais para Doutoramentos *Honoris Causa* (fig. 13) e os chamados Doutoramentos Científicos (fig. 13).

Do ponto de vista do conforto dos Júris das Provas Académicas que farão as suas arguições nos doutorais, a solução prevê a instalação de um pequena mesa que inclui uma prateleira de correr, de forma a que o Júri tenha uma mesa de trabalho no processo de arguição (fig. 14).

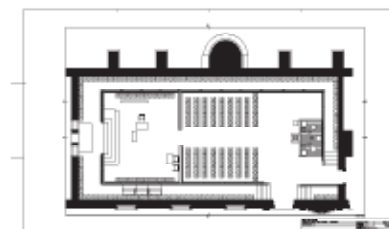
O projecto propõe ainda que sejam retirados todos os bancos existentes na Sala considerando a grande perturbação gerada pelas costas dos bancos dos doutorais, ao esconderem o silhar de azulejos, e a falta de conforto dos bancos da assistência. São escolhidos novos bancos tanto para a assistência (com costas) como para os doutorais (sem costas), um modelo de finais de quinhentos (Ferrão, 1990: II, 6), estofado a couro e acolchoado, como os que existem na Capela da Universidade (fig. 15), e que conferirão grande unidade à Sala.

Embora o conjunto de procedimentos previsto no projecto seja de grande simplicidade formal, terá um grande impacte qualitativo na Sala. Por um lado, o tapete de azulejos e a grade são reforçados ao eliminar o ruído provocado pelos espaldares dos bancos actualmente existente. Por outro, a opção de colocar banco com costas na assistência, que não ultrapassam a base das grades dos doutorais, reforça uma sua característica fundamental, a horizontalidade e austeridade da Sala. Por fim, os bancos escolhidos acentuam a fragilidade de instalação do *Theatro*, como construção *moviçã* e remetem para a origem da Sala.

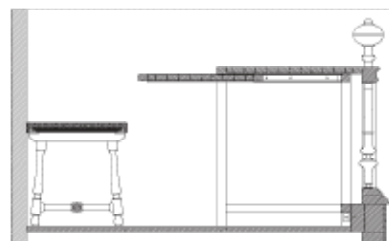
Embora o actual momento não seja propício, poderia ser aproveitada a actual oportunidade para resolver outros problemas que a sala apresenta: a mediocridade de desenho dos damascos na parede, o necessário restauro e limpeza dos retratos, o problema dos candeeiros de tecto, o desinteressante pavimento de tijoleira, o restauro imperioso do tecto. Esse pequeno investimento num dos mais importantes *ex-libris* da Universidade de Coimbra, seria justificado pelo brilho que daria aos doutoramentos *honoris causa* que ali tão assiduamente ocorrem.



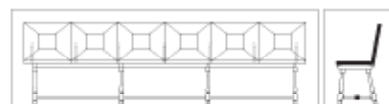
12. Sala dos Capelos, Planta Doutoramentos *Honoris Causa* / A. A. Costa e S. Fernandez



13. Sala dos Capelos, Planta Doutoramentos Científicos / A. A. Costa e S. Fernandez



14. Sala dos Capelos, Mesa para Arguentes / A. A. Costa e S. Fernandez



15. Sala dos Capelos, Banco com espaldar / A. A. Costa e S. Fernandez

Referências Bibliográficas:

- Crisóstomo, J. M. L. (1998). O Tecto da Sala dos Capelos. *Monumentos - revista semestral de edifícios e monumentos*(8), 40-47.
-
- Ferrão, B. J. (1990). *Mobiliário português : dos primórdios ao maneirismo*. Porto: Lello & Irmão.
-
- Kubler, G. (1988). *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706* (J. H. P. d. Silva, Trans. Correia, José Eduardo Horta ed.). Lisboa: Vega.
-
- Occidente, O. (1880). Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coimbra (segundo photographia). In capa (Ed.) (pp. gravura realizada a partir de fotografia, da sala dos capelos): O Occidente.
-
- Pimentel, A. F. (1998). *Domus Sapientiae - o Paço das Escolas. Monumentos - revista semestral de edifícios e monumentos*(8), 34-39.
-
- Pimentel, A. F. (2005). *A morada da sabedoria*. Coimbra: Almedina.
- Pires, E. M., Portugal, A. M., Mira, A., Cortesão, L., Grilo, J. T., & Gomes, M. M. M. (1998). Intervenções da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Monumentos - revista semestral de edifícios e monumentos*(8), 104-111.
-
- Ruão, C. (1998). A Porta Férrea ou a *Joyeuse Entrée*. *Monumentos - revista semestral de edifícios e monumentos*(8), 26-33.
-
- Simões, J. M. d. S., & Oliveira, E. G. d. (1971). *Azulejaria em Portugal no século XVII* (1ª ed. 1971, 2ª ed. 1997 ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
-
- Smith, R. C. (1974). *Agostinho Marques "emxambrador da cónega" : elementos para o estudo do mobiliário em Portugal*. Barcelos: Liv. Civilização.
-
- Távora, F. (1991-1994). Desenhos da Sala dos Capelos. In S. d. C.-R. e. A. d. n. d. Doutorais (Ed.), *Processo de Projecto*.
- Távora, F., & Bandeirinha, J. A. (1998). Sala dos Capelos - Remodelação e Ampliação do número de Doutorais. *Monumentos - revista semestral de edifícios e monumentos*(8), 94-95.
-
- Torgal, L. R. (1993). Quid Petis? : os "doutoramentos" na Universidade de Coimbra. *Rev. História das Ideias*, 15, p.177-316.
-
- Universidade de Coimbra. (1972). *Estatutos da Universidade de Coimbra : 1772*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
-
- Universidade de Coimbra. (1987). *Estatutos da Universidade de Coimbra : 1653* (Ed. fac-similada. ed.). Coimbra: Por ordem da Universidade.